

O mestre, dia a dia, percorria aquela rota sagrada. Distante a guerra que assolava a Europa, a conquista do Novo Mundo, mescla de santidade e destruição, própria de todas as grandes epopéias. Em Salamanca, um corpo se inclinava buscando o lugar em que há de repousar para sempre, mas uma alma incendiada pelo amor à verdade, ao bem e à justiça. Passaram os conquistadores, desfilaram os guerreiros. De todo fragor nada mais resta que a lembrança imprecisa e distante. Do humilde frade que falava para as almas e para as consciências, ficam um rastro luminoso. Se quereis vê-lo, inclinai vossas almas para o bem e irmanai vossos espíritos aos predicadores de solidariedade internacional. A mão firme de Vitória vos conduzirá através desse caminho largo e doloroso, cujo solo percorrido só pode ser apalpado pelos que se sobrepõem às incompreensões dos homens. No final, desta estrada luminosa, Vitória nos espera. Percorramo-nos com ele e peçamos-lhes para o mundo mais luz, mais virtude e mais justiça.

Belo Horizonte, 22 de abril de 1934.

Cinco Crônicas

“OROZIMBO NONATO”

ALBERTO DEODATO

Os jornais daqui e do Rio lhe noticiaram a morte. As manifestações de pesar dos Tribunais de que fez parte. Dos advogados e magistrados do País. Da velha Faculdade de Direito. Orozimbo Nonato da Silva foi, na realidade, uma vida exclusiva a serviço do Direito. De Promotor de Justiça da comarca de Araçuaí a presidente do Supremo Tribunal Federal, passando pela advocacia do Estado, Tribunal de Minas e Consultoria Geral da República. Não viveu um só dia fora da profissão. Aposentado do Supremo, abriu o escritório de advocacia no Rio. Em Minas, fora do Forum, estava na cátedra da nossa velha Faculdade. Nunca o seduziu a vida

política, embora tenha servido ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, assim chamada Câmara Municipal. O nosso convívio foi longo nesta cidade. Quando, no fim da década de vinte, desejei fazer uma docência, Orozimbo, já livre-docente em exercício de Direito Civil, preparava-se para o concurso de catedrático. Fui à sua casa:

— Você é o único professor com quem me relacionei no Forum. Os outros não advogam, com exceção do professor Estevam Pinto. Queria fazer concurso para Economia Política...

Orozimbo me fixou:

— Então, Economia terá dois docentes. Você e Olinda de Andrada, filho do presidente Antônio Carlos, que vai fazer também...

De imediato:

— Por que não faz para Direito Internacional Público? Não tem livre-docente. O catedrático é o Dr. Afrânio de Melo Franco, que não virá mais lecionar. Você pode dar aula no ano próximo.

E sorrindo:

— Uma cadeira para advogado, romancista e jornalista... Matutei. Achei ótima a lembrança. Agradei-lhe:

— Mas não deixé de comunicar ao Dr. Mendes Pimentel, nosso diretor, a sua pretensão. Ele gosta muito dos jovens audaciosos.

Nos fins de 1928 eu fazia a docência de Internacional Público e Orozimbo, com brilho inigualável, a cátedra de Direito Civil.

Dos docentes daquela década, que lecionaram, sobramos ainda três. Franzen de Lima, Pedro Aleixo e eu. Fui o último, depois de quase quarenta anos, a deixar a cátedra. Não a do concurso com Orozimbo, mas do concurso para outra cadeira, Ciência das Finanças. Que a nova geração de catedráticos não esqueça a vida modelar de Orozimbo Nonato. Porque os seus livros nunca faltarão à estante dos advogados.